

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Javier Perianes
Patrick Wibart



GULBENKIAN
MÚSICA

07 + 08 nov 2019

Oriente — Ocidente

**07 NOVEMBRO
QUINTA**

21:00 — *Grande Auditório*

**08 NOVEMBRO
SEXTA**

19:00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Javier Perianes Piano

Patrick Wibart Serpentão

IMAGEM DE CAPA: HANNU LINTU © VEIKKO KÄHKÖNEN

Benjamin Attahir

Compositor em Residência
Gulbenkian Música 2019

26 set

Al Fajr,
para piano e orquestra

24 + 25 out

Je / suis / Ju / dith,
para violino, soprano e orquestra

07 + 08 nov

Adh Dhohr, concerto
para serpentão e orquestra

Richard Strauss

Don Juan, op. 20

Benjamin Attahir

*Adh Dhohr**
concerto para serpentão e orquestra

INTERVALO

Johannes Brahms

Concerto para Piano e Orquestra n.º 1,
em Ré menor, op. 15

Maestoso
Adagio
Rondo: Allegro non troppo

Classical Futures.eu



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Mercado de Lisboa. Por boas casas.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

* Estreia em Portugal

Duração total prevista: c. 2h
Intervalo de 20 min.

Richard Strauss

Don Juan, op. 20

COMPOSIÇÃO: 1888

ESTREIA: Weimar, 11 de novembro de 1889

DURAÇÃO: c. 18 min.

Johann Strauss iniciou a composição do poema sinfónico *Don Juan* em maio de 1888. Concluiu a partitura no final de setembro desse ano, enquanto trabalhava em simultâneo no poema sinfónico *Macbeth*, op. 23. A estreia da obra teve lugar em Weimar, a 11 de novembro, com direção musical do próprio compositor. Foi dedicada ao seu amigo Ludwig Thuille, compositor e professor austríaco.

O interesse de Strauss por *Don Juan* terá evoluído a partir de diferentes contactos com o tema, nomeadamente a partitura de Mozart, *Don Giovanni*, nos anos em que esteve ao serviço da Ópera da Corte de Munique, o momento em que assistiu em Frankfurt, com Hans von Büllow, de quem era assistente, à peça de Paul Heyse *Don Juans Ende*, e o mais marcante, e que lhe serviu de base para a composição, a peça teatral em verso, inacabada, *Don Juan*, da autoria de Nicolaus Lenau, de 1851.

A opção pela obra de Lenau permitiu-lhe explorar outro rumo da habitual narrativa de *Don Juan*, nomeadamente o seu final. A abordagem de Strauss no poema sinfónico *Don Juan* explora a narrativa de um modo que é revelador da destreza do compositor na construção dos diversos momentos musicais, quer no que às texturas orquestrais diz respeito, quer nos temas escolhidos. Não é difícil identificar o *leitmotiv* associado a *Don Juan*, ou os motivos dos seus encontros amorosos. O modo como os motivos se apresentam ao longo da obra é caracterizado

Munique, 11 de junho de 1864
Garmisch, 8 de setembro de 1949



RICHARD STRAUSS EM 1904 © DR

por desenvolvimentos harmónicos e por uma orquestração progressivamente mais densa. De assinalar as notas iniciais nas trompas que afirmam o tema de *Don Juan*, sendo possível verificar o modo como este se transforma nos diferentes momentos da história, atingindo o clímax no final da obra, com a proximidade da morte do protagonista. O mesmo acontece com as relações amorosas que Strauss explora, com motivos menos marcados e mais fluídos, o primeiro com o violino solo, e o segundo pelo som do oboé. Também aqui não se trata de uma mera afirmação dos motivos, mas sim do modo como estão organicamente ligados aos mundos psicológicos das personagens. Os motivos associados ao amor parecem desvanecer-se, numa dissolução construída a partir dos cromatismos e da textura orquestral, desaguando finalmente no motivo de *Don Juan*.

PEDRO RUSSO MOREIRA

Benjamin Attahir

Toulouse,
25 de fevereiro de 1989

Adh Dhohr

concerto para serpentão e orquestra

COMPOSIÇÃO: 2017

ESTREIA: Boulogne-sur-Mer, 25 de janeiro de 2018

DURAÇÃO: c. 25 min.

Pouco depois de ter começado a estudar canto coral e violino no Conservatório de Toulouse, Benjamin Attahir descobriu muito cedo a sua paixão pela composição. Estudou no Conservatório Regional de Paris e posteriormente viria a ter como mestres Marc-André Dalbavie e Gérard Pesson, tendo efetuado estudos superiores de composição, análise, orquestração e direção de orquestra no Conservatório Nacional Superior de Paris. Entre 2011 e 2013 trabalhou com Pierre Boulez na Academia do Festival de Lucerna, no quadro de um programa de formação em composição para orquestra dirigido a jovens compositores. Depois de uma primeira encomenda da Radio France, em 2009, outros convites surgiram, bem como a conquista de importantes prémios de composição. Em 2012 e 2015 estreou e dirigiu as suas duas primeiras óperas. Filho de mãe libanesa, pintora e antiga aluna de belas-artistas em Beirute, Attahir situa o foco da sua inspiração a meio-caminho entre Oriente e Ocidente. Nas palavras do compositor: “*Adh Dhohr* é a segunda de cinco peças que constituem um ciclo que pretendi empreender em torno dos horários de *Salah*, as orações do dia muçulmano [o ciclo é composto pelas seguintes composições: *Al Fajr*, para piano e orquestra; *Adh Dhohr*, para serpentão e orquestra; *Al ‘Asr*, para quarteto de cordas; *Al Maghrib*, para violino e orquestra e *Al ‘Icha*, para grande orquestra]. É a oração do meio-dia, quando o sol alcança o seu zénite. Esta posição é calculada

graças a um objeto fixado no solo; quando a sombra projetada desse objeto iguala o seu comprimento. Esta verticalidade que o tempo modifica encontra-se no coração da forma musical. Na verdade, esta é construída em torno desse momento “zenital”, desenrolando-se concentricamente. A macroforma obedece ao princípio simples de revelação progressiva do solista, o serpentão. Trata-se portanto de uma trajetória do múltiplo em direção ao único, do *tutti* em direção ao solo; movimento inverso ao da liturgia, baseado no jogo responsorial entre o celebrante e os fiéis. Quis também – à semelhança das músicas orientais – regressar à monodia mais estrita, projeto muito singular no domínio concertante. Uma mesma voz é partilhada por solista e orquestra. *Adh Dhohr* é dedicada ao meu grande amigo Patrick Wibart, que conseguiu devolver um lugar de nobreza a este “instrumento-voz” que é o serpentão.”

MIGUEL MARTINS RIBEIRO



© MARIKA LESA - GM

Johannes Brahms

Concerto para Piano e Orquestra n.º 1, em Ré menor, op. 15

COMPOSIÇÃO: 1858

ESTREIA: Hanôver, 22 de janeiro de 1859

DURAÇÃO: c. 45 min.

Pese embora a sombra do legado de Beethoven, Brahms iniciou, em 1854, o esboço do primeiro andamento de uma sinfonia que mostrou aos seus amigos mais próximos, mas que, depois de várias alterações, acabaria por transformar no seu Concerto para Piano n.º 1, acrescentando-lhe dois novos andamentos. A sua primeira sinfonia teria de esperar até 1876 para ser apresentada ao público, decorrendo dezoito anos desde o esboço inicial. O Concerto para Piano e Orquestra n.º 1 apresenta uma conceção sinfónica que nos permite apreciar o modo como Brahms concebeu as partes orquestral e solística numa dimensão de grande equilíbrio. O início do primeiro andamento introduz-nos sem demoras num ambiente quase trágico que contrastará com um segundo momento mais doce e lírico. O piano surge enunciando um desenho melódico tranquilo que, depois, com a ajuda da orquestra, ganha intensidade e desagua no enérgico tema inicial. Ao longo deste andamento, Brahms encaminha-nos entre momentos quase meditativos e outros verdadeiramente tempestivos, explorando a articulação entre piano e orquestra na sua máxima capacidade expressiva. O segundo andamento transporta-nos para outro tipo de paisagem sonora, de carácter contemplativo e quase transcendente. Talvez por isso, Brahms coloque a referência litúrgica *Benedictus qui venit in nomine Domini* (“Bendito o que vem em nome do Senhor”). Assistimos a um longo desenho melódico nas cordas,



JOHANNES BRAHMS EM 1858 © DR

Hamburgo, 7 de maio de 1833
Viena, 3 de abril de 1897

marcado pela quietude das trompas e depois pela introdução das madeiras, até ao surgimento do piano que introduz uma sonoridade declamativa e meditativa, que se manterá regular durante o andamento, inclusive na cadência final. O terceiro andamento inicia-se de forma vigorosa, com a inclusão de várias ideias musicais que são depois exploradas e desenvolvidas de forma enérgica. A conceção deste andamento, quer pela escrita pianística quer orquestral, tem claras referências ao mundo beethoveniano, em particular ao Concerto para Piano e Orquestra n.º 1, em Dó maior. Brahms recorre a diversas formas de tratar os temas, utilizando o contraponto, por exemplo, no segundo tema, mas aproveitando depois o potencial expressivo do conjunto instrumental e do piano para criar um ambiente mais lírico. O final do andamento, com uma cadência portentosa, permite fechar este concerto de forma magistral.

PEDRO RUSSO MOREIRA

Hannu Lintu

Maestro



© VEIKKO KÄHKÖNEN

O maestro finlandês Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção, em Bergen. Presentemente, Hannu Lintu cumpre o sétimo ano como Maestro Principal da Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa (FRSO), destacando-se a interpretação de *Cenas do “Fausto” de Goethe* de Schumann, *A Danação de Fausto* de Berlioz, a segunda edição do FRSO Festival e uma digressão com o percussionista Martin Grubinger, com apresentações em Viena (Konzerthaus), Bratislava, Ascona e Verona. Em maio de 2019, foi nomeado Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, lugar que ocupará a partir de janeiro de 2022. Esta nomeação surge na sequência de uma série de colaborações de grande sucesso, incluindo *Tristão e Isolda* de Wagner (2016), *Kullervo* de Sibelius (2017) e *Wozzeck* de Berg (2019). Para o início de 2020 está programada a direção de *Ariadne auf Naxos* de R. Strauss. Lintu também

colabora regularmente com o Festival de Savonlinna, tendo dirigido produções de *Otello* de Verdi (2018) e de *Kullervo* de A. Sallinen – em 2017, integrado nas celebrações do centenário da Declaração de Independência da Finlândia. Como maestro convidado, a presente temporada inclui regressos ao convívio com a Orquestra Gulbenkian, as Sinfónicas de Boston e Detroit, a Orquestra de Paris, a Filarmónica da Rádio Holandesa e a Sinfónica da Islândia. Estreia-se à frente das Sinfónicas de Chicago e de Montreal, da Filarmónica de Estrasburgo e da Tonkünstler-Orchester Niederösterreich. Hannu Lintu realizou gravações para as editoras Ondine, BIS, Naxos, Avie e Hyperion, tendo recebido vários prémios. Em 2019, a gravação dos Concertos para Violino de Bartók, com Christian Tetzlaff, recebeu dois prémios ICMA. Em 2011, foi nomeado para um *Grammy* na categoria de “Melhor CD de Ópera”. As gravações da Sinfonia n.º 2 de Enescu, com a Filarmónica de Tampere, e dos Concertos para Violino de Sibelius e de T. Adès, com Augustin Hadelich e a Royal Liverpool Philharmonic Orchestra, foram nomeadas para os prémios Gramophone.

Javier Perianes

Piano



© JOSEF MOLINA

Ao longo de uma brilhante carreira internacional, Javier Perianes atuou nas mais prestigiadas salas de concertos do mundo, em colaboração com as principais orquestras e sob a direção de maestros como D. Barenboim, C. Dutoit, Z. Mehta, G. Dudamel, S. Oramo, Y. Temirkanov, V. Jurowski, D. Afkham, P. Heras-Casado, D. Harding ou K. Mäkelä. Apresentou-se em importantes festivais, incluindo *BBC Proms*, *Mainly Mozart*, Lucerna, La Roque d'Anthéron, Grafenegg, *Primavera de Praga*, San Sebastián, Granada, Vail, Blossom e Ravinia. Recebeu o Prémio Nacional de Música 2012 do Ministério da Cultura de Espanha e foi nomeado “Artista do Ano” nos International Classical Music Awards (ICMA) de 2019. Ao longo da temporada 2019/20, Perianes faz incidir um foco especial nos dois Concertos para Piano de Brahms, regressando ao convívio da Orquestra de Câmara Escocesa, da Sinfónica de Montreal, da Sinfónica de Cincinnati, da Orquestra Nacional da Bélgica, da Orquestra Gulbenkian, da Sinfónica da Rádio Finlandesa e da Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse. Estreia-se com a Orquestra de Câmara de Lausanne, a NAC Orchestra Ottawa e a Filarmónica da Radio France.

Perianes apresenta-se com frequência em recital a solo e como músico de câmara. Na presente temporada estreia-se em recital na Boulez Saal, em Berlim. Com a violetista Tabea Zimmermann, atua na Alemanha e em França e numa digressão norte-americana para apresentação de um novo álbum. Junta-se também ao Quarteto Quiroga para uma digressão que inclui a Holanda, a Alemanha e a Suíça. Javier Perianes grava em exclusivo para a Harmonia Mundi. Os novos lançamentos incluem obras de Ravel (*Tombeau de Couperin*, *Alborada del Gracioso* e Concerto para Piano em Sol maior), com a Orquestra de Paris e o maestro Josep Pons, e ainda um projeto com Tabea Zimmermann, que contém uma seleção de peças espanholas e latino-americanas. A sua diversificada discografia abrange obras de Beethoven, Mendelssohn, Schubert, Grieg, Chopin, Debussy, Ravel e Bartók, bem como peças de Blasco de Nebra, Mompou, Falla, Granados e Turina. Álbuns recentes prestam tributo a Claude Debussy, no centenário da morte do compositor, com a gravação do primeiro livro de *Preliúdios e Estampes*, e ainda o CD *Les Trois Sonates – The Late Works*, que recebeu um Prémio Gramophone em 2019.

Patrick Wibart

Serpentão



© BERNARD MARTINEZ

Patrick Wibart começou a estudar tuba aos seis anos de idade. Revelando rapidamente as suas raras qualidades musicais, a partir dos dez anos passou a integrar a Maîtrise de Radio France, sob a direção de Toni Ramon. Cinco anos depois, decidiu concentrar-se no estudo do saxhorn, tendo então ingressado no Centre National de Référence de Paris. Três anos mais tarde, foi admitido no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde estudou saxhorn baixo com Philippe Fritsch. No domínio da música de câmara, trabalhou com o quarteto Opus 333, Claire Désert e Ami Flamer. Paralelamente, começou a tocar serpentão com Michel Godard e a estudar música antiga com Jean Tubery e Serge Delmas. Em pouco tempo viria a tornar-se num dos especialistas franceses deste instrumento, sendo um convidado regular de agrupamentos como La Fenice, Le Parnasse Français ou

Freiburger Barockorchester. Prosseguindo a sua descoberta dos instrumentos antigos, especializou-se também na prática do oficleide e da tuba histórica, com o apoio da Fundação Meyer. Neste domínio, é regularmente convidado a colaborar com formações como La Chambre Philharmonique, Dresdner Festspielorchester, La Grande Écurie ou Insula. Procurando lançar novas pontes entre os instrumentos do passado e a música dos nossos dias, estreou várias peças para serpentão da autoria de compositores como Aurélien Dumont, Gérard Pesson ou Alexandros Markeas. Em 2016, o seu primeiro CD a solo, *The Virtuoso Ophicleide*, foi lançado pela etiqueta Ricercar, tendo recebido um *choc* da revista *Classica*. Em 2018 estreou, com a Orquestra Nacional de Lille, o concerto para serpentão e orquestra *Adh Dhohr*, do compositor Benjamin Attahir, obra nomeada para os *Victoires de la Musique 2019*.

Orquestra Gulbenkian



Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS

Raphaëlle Moreau *Concertino Principal**
Francisco Lima Santos *1.º Concertino Auxiliar*
Bin Chao *2.º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
David Ascensão *
Tomás Costa *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1.º Solista*
Jordi Rodriguez *1.º Solista*
Anna Paliwoda *1.º Solista**
Cecília Branco *2.º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Félix Duarte *
Miguel Simões *
Flávia Marques *
Joana Weffort *
David Bento *
Maflada Rodrigues *
Nelson Gomes *

VIOLAS

Samuel Barsegian *1.º Solista*
Lu Zheng *1.º Solista*
Leonor Braga Santos *2.º Solista*
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Leonor Fleming *
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Precilia Diamantino *

Artur Mouradian *
Milan Radocaj *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1.º Solista*
Marco Pereira *1.º Solista*
Martin Henneken *2.º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo *
Catarina Távora *
Pedro Serra e Silva *

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1.º Solista*
Domingos Ribeiro *1.º Solista*
Manuel Rego *1.º Solista*
Marine Triolet *2.º Solista*
Maja Plüddemann
Romeu Santos *
Luzia Vieira *
Vanessa Lima *

FLAUTAS

Cristina Ánchel *1.º Solista*
Ana Filipa Lima *1.º Solista**
Amália Tortajada *2.º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1.º Solista*
Nelson Alves *1.º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2.º Solista*
Corne inglês
Sara Dias *2.º Solista**

CLARINETES

Iva Barbosa *1.º Solista*
Telmo Costa *1.º Solista*
José María Mosqueda *2.º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos *1.º Solista*
Vera Dias *1.º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2.º Solista*

TROMPAS

Gabriele Amarù *1.º Solista*
Kenneth Best *1.º Solista*
Eric Murphy *2.º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade *2.º Solista*
Thomas Hauschild *2.º Solista**

TROMPETES

Adrian Martinez *1.º Solista*
Carlos Leite *1.º Solista Auxiliar**
David Burt *2.º Solista*

TROMBONES

Sergi Miñana *1.º Solista*
Rui Fernandes *2.º Solista*
Pedro Canhoto *2.º Solista*
Paulo Alves *2.º Solista**

TUBA

Amílcar Gameiro *1.º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1.º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2.º Solista*
Francisco Sequeira *2.º Solista**
João Ramalho *2.º Solista**

HARPAS

Carolina Coimbra *1.º Solista**
Ana Ester Santos *2.º Solista**

*Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins,
Marta Ferreira de Andrade,
Raquel Serra e Fábio Cachão

30 nov + 01 dez

Missa de Bernstein



**Coro e Orquestra
Gulbenkian**

**Concertos
Participativos**

GULBENKIAN.PT



Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.



A BPI App tem ^{quase} tudo.

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.
Saiba mais em bancobpi.pt



PROGRAMAS E ELENÇOS
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
700 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Novembro 2019

